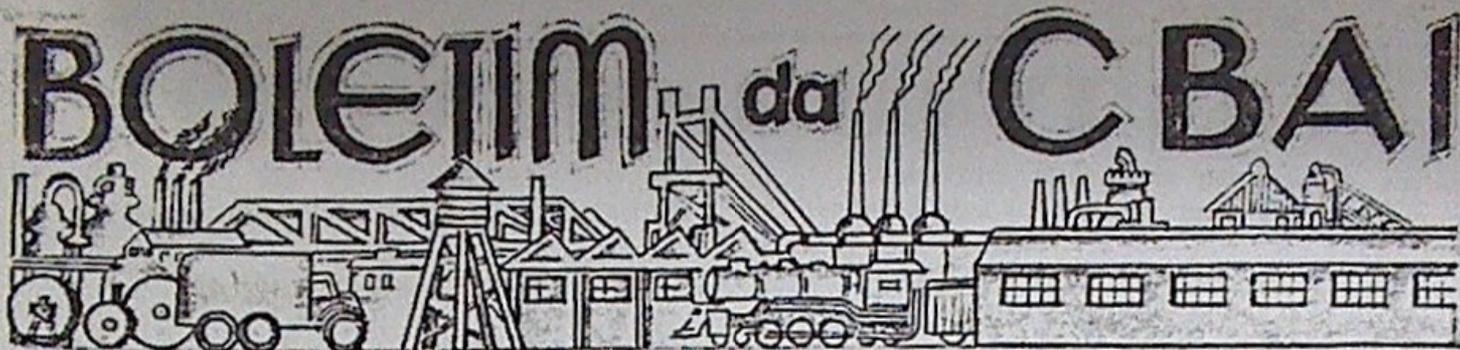


# BOLETIM da CBAI



COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL

PROGRAMA DE COOPERAÇÃO EDUCACIONAL MANTIDO PELOS GOVERNOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Vol. XV

MAIO — 1961

N.º 3

## ADMINISTRAÇÃO DA CBAI

Superintendente: Dr. Armando Hildebrand.  
Chefe da Delegação Americana: Dr. Arthur  
F. Byrnes.

## ENDEREÇO:

Av. Marechal Câmara, 350 — 8.º andar.  
Rio de Janeiro — Estado da Guanabara — Brasil.

\* \* \*

## CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Co-Diretor: Dr. Lauro Wilhelm.  
Diretor Técnico Americano: Alton D. Hill.

## ENDEREÇO:

Escola Técnica de Curitiba  
Av. 7 de Setembro esq. Westfalen.  
Curitiba — Paraná — Brasil.

\* \* \*

## SUMÁRIO

### EDITORIAL:

O Trabalho.

### NOTICIÁRIO:

“Artes Industriais”.

Ex-aluno do Centro de Treinamento de Professores, visita a  
Escola Técnica de Curitiba.

Regulamento de Bolsas de Estudo aos alunos do Curso Téc-  
nico da Escola Técnica de Curitiba.

Solicitação às Escolas.

Organização da Diretoria da Caixa Escolar da E.T.C.

Divagações Linguísticas.

Algumas atividades extraclasse.

Novo Diretor do Ensino Industrial em visita a E.T.C.

## EDITORIAL:

# O TRABALHO

*O trabalho é a base, é o verdadeiro alicerce onde se apóia o progresso de uma nação, é a garantia de um povo.*

*Do conjunto de esforços é que repousa a alegria de viver indistintamente segundo o ramo de atividade humana.*

*Os resultados e a eficiência do trabalho está na ordem direta do esforço empregado, e aplicado ao bem comum.*

*A dedicação pelas coisas nacionais depende do grau de formação educacional e cultural da própria raça, que vê nos noticiários internacionais, em literaturas e estatísticas oficiais, estampados à mão, o cérebro e o coração humano, concorrendo para o equilíbrio do nível de vida do seu povo.*

*O aperfeiçoamento moral, religioso, do indivíduo regula a conduta dos seus propósitos, no trabalho, no lar ou em qualquer situação de direção ou dirigido.*

*Que o teu valor represente sempre as glórias daqueles que amam a sua Pátria, cuja nacionalidade de seus filhos seja o orgulho de viver!*

*Que o trabalho continue sendo o feliz ingresso do homem na sociedade, e o bem-estar da coletividade.*

*Longe de ser apenas “vil instrumento de lucro” seja o objeto fiel da união das classes (ricos e pobres) e a felicidade da Nação.*

*Pelo dignificante exemplo de compreensão dos homens que sabem e souberam, pelo trabalho, restituir a felicidade aos complexados pelos defeitos físicos o “Boletim da CBAI” congratula-se nesta feliz oportunidade, associando-se a esta data festiva de homenagens aos trabalhadores do Brasil.*

# “ARTES INDUSTRIAIS”

Dr. Carl Gerbracht  
Técnico Americano em Artes Industriais  
Lycio Esmanhoto  
Professor de Artes Industriais

Localizado na Escola Técnica de Curitiba, a CBAI (Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial) mantém, desde há alguns anos, o CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES, destinado a suprir a demanda de instrutores para o ensino industrial em todo o Brasil.

Finalmente, após esse percurso, o visitante chegará a uma oficina diferente, cujo nome nunca antes fôra ouvido.

O nome é ARTES INDUSTRIAIS.

Observando o equipamento e ferramentas, vendo os alunos inteiramente dedicados na execução de suas tarefas, o visitante, por certo, pensará: “Esta oficina me parece uma versão em miniatura de todas as outras, reunidas numa só sala”.

Esta será afirmativa perfeitamente adequada, por quanto, ARTES INDUSTRIAIS é realmente a



Uma visita ao Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores seria como uma excursão através das diversas oficinas ali montadas. Excelentes ambientes de trabalho, essas oficinas especializadas destinadas à prática de trabalhos em metal, madeira, eletricidade, rádio e eletrônica, mecânica de automóveis e artes gráficas, poderão dar uma idéia perfeita do trabalho que ali se realiza.

reunião de diversas oficinas num só ambiente, abrangendo várias espécies de trabalho.

A que propósito serve, afinal, tal oficina?

Devemos observar, inicialmente, que as oficinas de ARTES INDUSTRIAIS são planejadas especialmente para alunos dos primeiros dois anos do ginásio industrial ou do curso industrial básico. O equipamento é todo adequado para adolescentes,



Todos os aspectos da aprendizagem são cuidadosamente examinados. A cooperação brasileiro-americana tem produzido resultados plenamente satisfatórios.



as bancadas com as dimensões apropriadas, as ferramentas perfeitamente ordenadas e de fácil alcance, as máquinas de manejo simples e seguro.

Os alunos executam objetos, na sua maioria, de sua própria escolha e sempre de seu maior interesse, os quais podem ser concluídos dentro de um curto período de tempo, uns poucos dias no máximo. Nos trabalhos executados pelos alunos, o principal aspecto de "variedade", fator de grande importância, uma vez que os adolescentes, por sua própria natureza, não conseguem reter o interesse em tarefas muito prolongadas e que exigem operações monótonas.

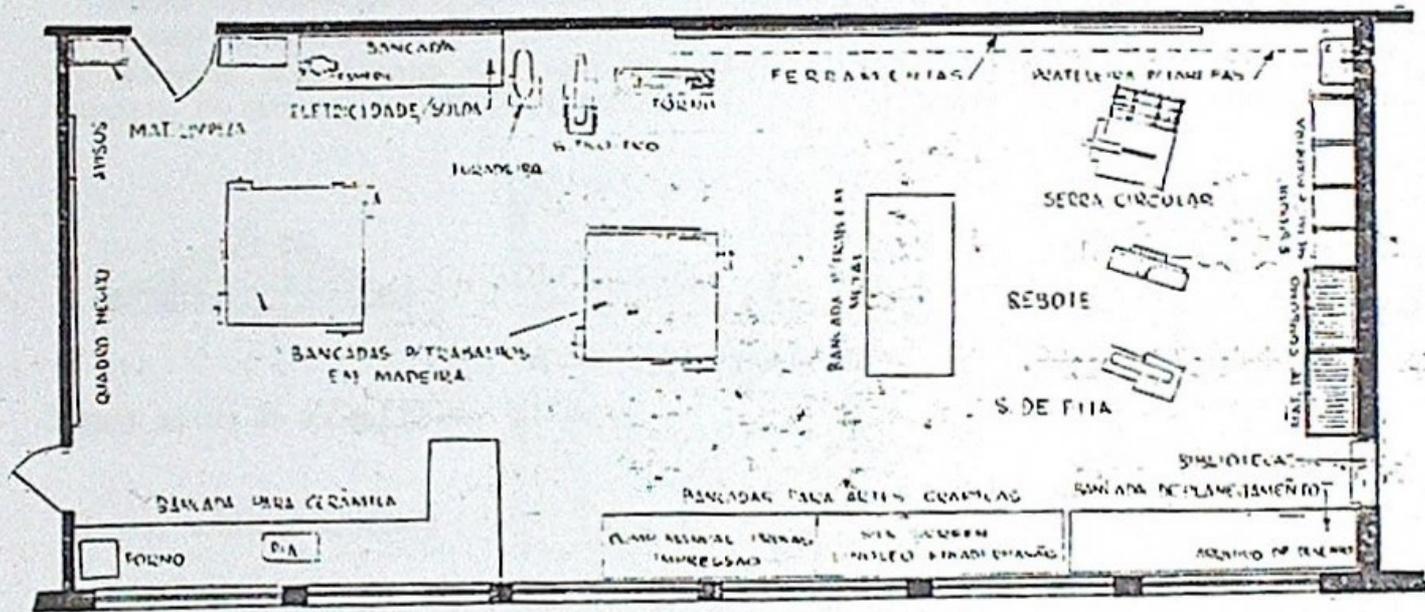
Atuando em setores variados, tais como metais, madeira, eletricidade, cerâmica e artes gráficas, o aluno tem oportunidade de provar, tomar o gosto,

sibilidades que tem de realizá-las satisfatoriamente. Então ele saberá se deve ou se poderá dedicar-se à eletricidade, no 3º e 4º anos do ginásio industrial e mesmo no curso técnico.

Posteriormente, após deixar a Escola, ele terá uma idéia exata das suas possibilidades de ser bem sucedido nesse tipo de ocupação.

Paralelamente a essas descobertas de habilidades e aptidões dos jovens, ARTES INDUSTRIAIS poderá auxiliar na melhor compreensão das indústrias que se desenvolvem em nosso País.

É parte integrante de educação do homem ter uma noção, saber aquilatar o valor do trabalho a que se dedicam seus concidadãos. Em ARTES INDUSTRIAIS os jovens aprendem as noções elementares da produção de ferro e aço, das florestas e



dos tipos de trabalho desenvolvidos em cada setor. Eles descobrem exatamente onde residem os seus interesses, assim como suas habilidades e tendências. Descobrem, ainda, suas limitações, fator tão importante quanto descobrir habilidades.

Tais conhecimentos poderão ser usados mais tarde, ao fazerem uma escolha inteligente, no que diz respeito às suas ocupações futuras e mesmo sua futura educação.

Num recanto da oficina, poderemos encontrar um jovem executando um elementar motor elétrico. Através dessa e de outras experiências similares, esse jovem poderá avaliar o quanto lhe agrada as atividades no setor da eletricidade e as pos-

produtos florestais, da produção de energia elétrica, da origem, espécies e manipulação da argila e outros minerais, e dos processos pelos quais são impressos os nossos livros, jornais e revistas.

Adquirem, enfim, os elementos que lhes permitem conhecer todos os aspectos do desenvolvimento das nossas indústrias. Haverá mais vantagens ainda nos cursos de ARTES INDUSTRIAIS? Sim, verdadeiramente existem ainda muitas vantagens. Um jovem, por exemplo, poderá desenvolver um interessante passatempo em cerâmica, outro poderá trabalhar em artefatos de couro em suas horas de folga. Muitos jovens poderão desenvolver conhecimentos e habilidades para executar pequenos re-

paros em casa, consertos de lâmpadas, móveis, torneiras, fechaduras e as dezenas de outros pequenos reparos que exigem permanente atenção em qualquer casa, atualmente.

Então, em resumo, os objetivos principais dos cursos de ARTES INDUSTRIAIS, são:

- 1) Descobrir as aptidões e interesses pessoais.
- 2) Dar conhecimento dos principais processos industriais.
- 3) Desenvolver as habilidades mais úteis.

Talvez seja conveniente mencionarmos também que os cursos de ARTES INDUSTRIAIS não pretendem preparar os estudantes para atividades profissionais. Os cursos de ARTES INDUSTRIAIS ini-

fissional. Pode, entretanto, auxiliar os jovens a colher sábiamente seus setores futuros de atuação, de, sendo, ainda, de grande valia na orientação dos professores do ensino industrial, na realização integral de aprendizagem.

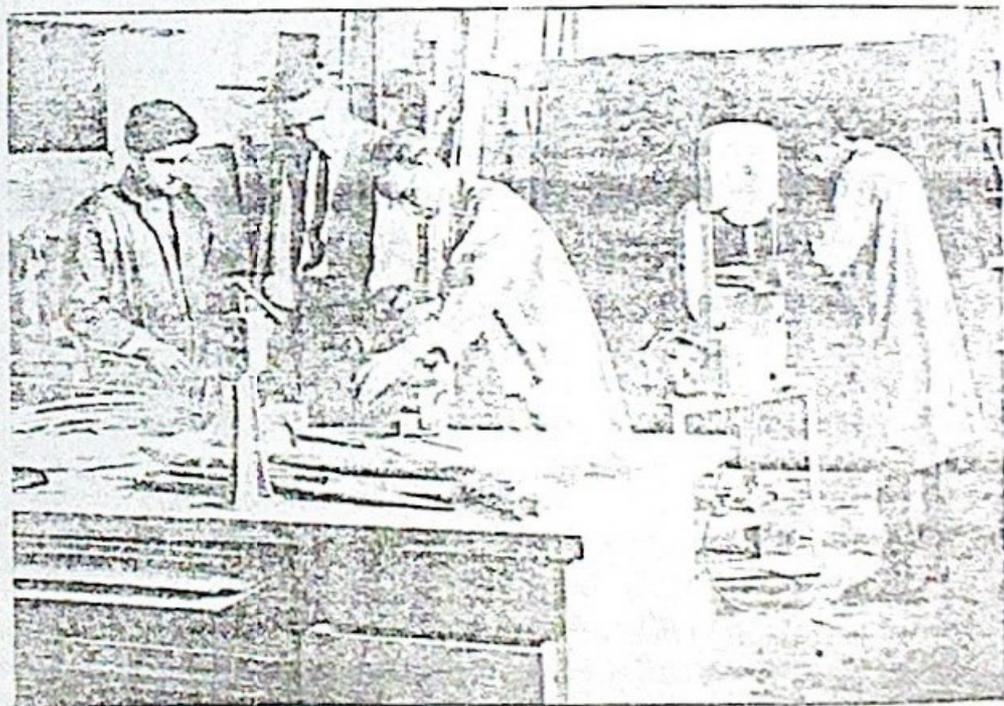
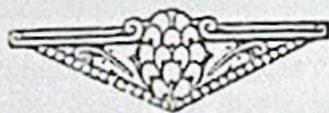
#### A OFICINA DE ARTES INDUSTRIAIS DA "CBAI" EM CURITIBA

Nossa oficina, instalada na Escola Técnica, é, na verdade, uma oficina modelo. Não é muito grande, mas, vamos dizer, perfeitamente adequada para o fim a que se destina. Medindo 6 x 14 metros, pode, com muita facilidade, ser reproduzida em qualquer escola e acomodar aproximadamente 16 alunos num só tempo.

Se a sala medir, por exemplo, mais ou menos 11 x 14 metros, a capacidade será de aproximada-



Aspecto parcial da oficina, notando-se a assistência do técnico americano.



ciam-se nesse caminho, mas, posteriormente, serão necessários estudos mais especializados nos anos seguintes do ginásio industrial e mesmo em cursos técnicos, para que os alunos se tornem adequadamente preparados para as atividades profissionais da indústria.

Dessa maneira, um curso de ARTES INDUSTRIAIS não pode substituir o ensino técnico pro-

mente 24 alunos, devendo-se considerar, entretanto, que esse número é o máximo admissível em cada classe, não importando que tamanho possa ter a oficina.

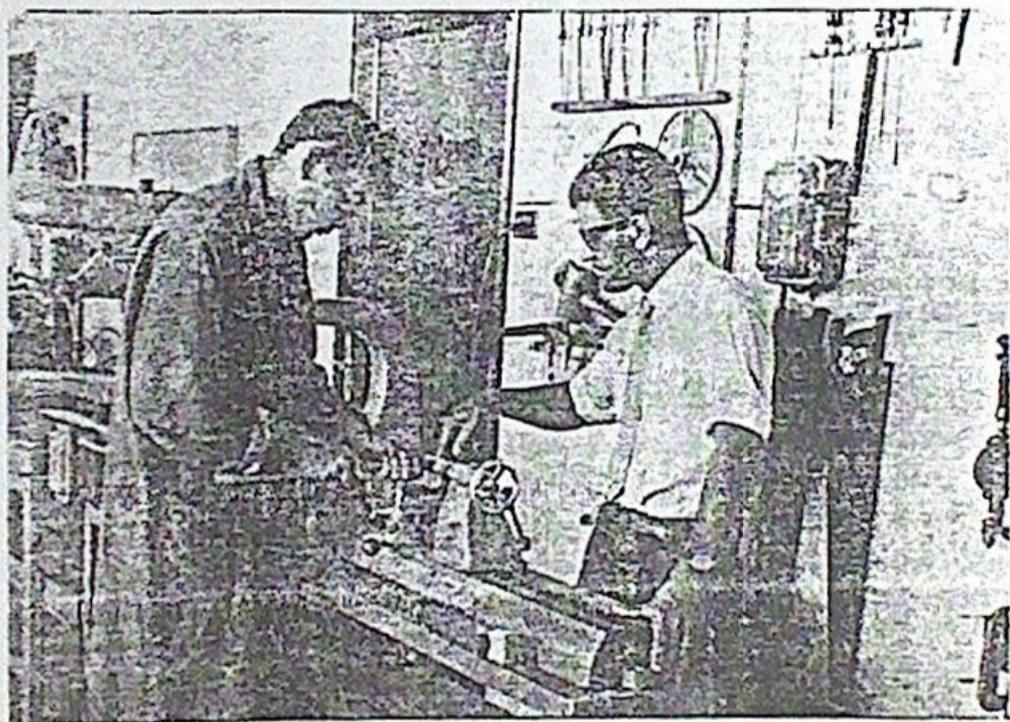
Um só professor pode atender uma oficina de tal amplitude, uma vez que ele tenha sido treinado para esse fim. Presentemente, no programa de treinamento de professores da CBAI, estamos pro-

parando sete jovens para a função de professores de ARTES INDUSTRIAIS.

Concluído o curso, o que se dará em dezembro deste ano, êsses cursistas estarão capacitados para ensinar em qualquer oficina do tipo descrito neste artigo. Nossa oficina, na Escola Técnica de Curitiba, foi cuidadosamente planejada, como se pode observar na planta que acompanha esta descrição; as ilustrações fotográficas apresentam alguns aspectos da oficina em pleno funcionamento.

Algumas das máquinas de nossa oficina são nacionais.

O mesmo se dá com as ferramentas. Tôdas as bancadas foram construídas nas próprias oficinas da Escola, de acôrdo com os desenhos preparados pelos autores dêste artigo.



Cópias e especificações dêsses desenhos acham-se à disposição dos diretores de escolas que desejem utilizar-se delas para a instalação de suas oficinas; entretanto, devemos lembrar que uma oficina de ARTES INDUSTRIAIS pode, perfeitamente, ser montada obedecendo formas e dimensões especiais, em conformidade com o local a ela destinado.

Evidentemente, sendo a CBAI parte de um largo programa de cooperação, as sugestões e opiniões dos seus técnicos poderá, deverá mesmo, ser soli-

citada, sempre que fôr planejada a instalação de uma nova oficina de ARTES INDUSTRIAIS.

Essa cooperação poderá ser pedida, através de correspondência aos co-superintendentes da CBAI, Dr. Arthur Byrnes e Dr. Armando Hildebrand (caixa postal 1879 - Rio de Janeiro, Est. da Guanabara) ou ainda diretamente para Mr. Alton D. Hill ou Dr. Lauro Wilhelm, co-diretores do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professôres, na Escola Técnica de Curitiba.

Aqueles diretores que desejarem iniciar cursos de ARTES INDUSTRIAIS em suas escolas, oferecemos também relações de ferramentas e equipamento, assim como planos de cursos e materiais didáticos.



O professor do curso relembra algumas normas de segurança no manejo do tórno para madeira.



Nessa descrição, bastante sucinta, esperamos ter demonstrado o que é ARTES INDUSTRIAIS e a nossa disposição de colaborar no desenvolvimento do ensino industrial no Brasil, sem medir esforços.

"Por vos sentirdes operários, a vossa virtude deve ser a modéstia; por vos sentirdes ilustrados, deveis ser duas vês modestos, sem que isso vos faça perder a consciência do vosso imenso valor e a confiança que, em vós, a Pátria deposita."

ALBAZAR GARCIA

## Ex-aluno do Centro de Treinamento de Professôres, visita a Escola Técnica de Curitiba

O Centro de Pesquisas e Treinamento de Professôres, com sede na ETC teve a satisfação de receber a visita do professor Jorge Soares, ex-aluno do Centro, o qual deixou algumas impressões sobre o aproveitamento obtido no Curso de Marcenaria e o sucesso alcançado com o aprimoramento profissional conseguido. Durante a rápida permanência na E.T.C. pôde o referido professor rever os seus velhos amigos, e, nessa oportunidade, deixar ao *Boletim da CBAI* suas impressões de contentamento, colhendo no Centro de Treinamento algumas informações de ordem técnica que achou necessária, sendo a sua especialidade Acabamento de Móveis.

Lembra-se com saudades e prazer a exposição dos trabalhos executados como prova final, a qual foi muito visitada, e que foram alvo de manifestações de carinho e elogios por parte dos visitantes.

Relembrou as festas juninas por êles promovidas e autorizadas, na qual fizeram parte o Diretor Executivo Dr. Lauro Wilhelm, Técnicos Americanos, Professôres e funcionários da ETC, dando as festividades um colorido todo especial de estímulo e alegria aos alunos.

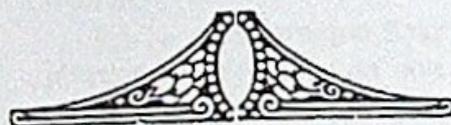
Há muito tempo exercia o referido professor o cargo de artífice na secção de marcenaria da Escola Industrial de Belém, passando a Professor ao lhe ser conferido o merecido título.

As palavras do Professor Jorge Soares vêm comprovar a eficiência do curso, do carinho e esforço dos professôres brasileiros e técnicos americanos na preparação dos programas, e a ministração das técnicas modernas aos novos homens do magistério industrial.

Sentimo-nos verdadeiramente satisfeitos com os resultados obtidos pelos alunos participantes dos cursos e da alta compreensão dos que galgam esses postos de grande responsabilidade. Compreendemos a finalidade dêsse aperfeiçoamento exatamente no momento em que o Brasil mais necessita de homens especializados.

~~~~~  
O caminho do senhor é a fortaleza do inocente, mas o terror dos malfeteiros.

Uns repartem o que é seu e ficam ricos, outros arrebatam o que não é seu e estão sempre na pobreza.



No planejamento de tarefas a serem executadas, os alunos trocam idéias, auxiliando-se mutuamente.



## REGULAMENTO DE BOLSAS DE ESTUDO AOS ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DA ESCOLA TÉCNICA DE CURITIBA

Art. 1.º — A Escola Técnica de Curitiba anualmente instituirá "bolsas de estudo" aos alunos do Curso Técnico.

Art. 2.º — A todos os alunos dos Cursos Técnicos desta Escola de Curitiba assistirá o direito de requerer "bolsa de estudo" nos termos deste Regulamento.

Art. 3.º — A fim de se habilitar ao benefício da "bolsa de estudo", o aluno deverá requerer ao Diretor da Escola, por intermédio do Serviço de Orientação.

§ 1.º — No requerimento, o aluno deverá declarar se já recebe ou não qualquer auxílio de outras instituições.

§ 2.º — Caso o auxílio já percebido seja inferior à metade do valor da bolsa instituída pela Escola, poderá o mesmo ser contemplado com 50% desta.

§ 3.º — A exatidão das declarações prestadas pelos alunos será motivo de investigação por parte do Serviço de Orientação.

Art. 4.º — O auxílio concedido em forma de "bolsa de estudo" ao aluno, será destinado à sua manutenção e à aquisição de material didático, bem como a tornar mais fácil o prosseguimento dos seus estudos.

§ 1.º — Sempre que ficar provado estar o aluno aplicando os recursos da sua "bolsa de estudo" em outros fins, será ela imediatamente suspensa.

Art. 5.º — As "bolsas" serão pagas mensalmente durante todo o ano letivo (10 meses), na forma estabelecida neste Regulamento.

Art. 6.º — O aluno perderá 1/30 (um trinta avos) do valor da "bolsa de estudo" por falta não justificada, em cada aula de cultura geral ou desenho, e 1/15 (um quinze avos), por faltas aos trabalhos de oficinas.

§ 1.º — As justificações somente poderão ser feitas mediante atestado médico, firmado pelos médicos da Escola.

Art. 7.º — O aluno que tiver 3 (três) faltas consecutivas em aulas de cultura geral ou 2 (duas) em trabalhos de oficina, bem como 10 (dez) aulas interpoladas em matérias de cultura geral e 6

## SOLICITAÇÃO ÀS ESCOLAS

### MATERIAL PARA O BOLETIM

Ao apresentarmos esta edição do "BOLETIM" sentimos o desejo de acôrdo com os nossos propósitos de torná-lo o mais informativo possível, apresentando-o sempre ilustrado com fotografias que melhor definam as atividades e acontecimentos verificados nas escolas, para conhecimento geral de quantos se interessam pelo ensino industrial.

Embora a direção do Centro de Treinamento de Curitiba, a quem está afeta a publicação deste órgão, já tenha solicitado dos Srs. Diretores das escolas o envio de material para o "Boletim", isto é, fotografias de reuniões com personalidades da administração do ensino industrial, de festividades comemorativas promovidas pela escola, e bem assim noticiários e objetivos de caráter eminentemente informativo desses acontecimentos, renovamos aqui essa solicitação, esperamos sermos convenientemente atendidos e interpretados.

Contamos, por conseguinte, com a solicitação colaboração dos dedicados diretores das escolas técnicas e industriais do País, para assim podermos divulgar, no "Boletim", substanciosas informações sobre as atividades das mesmas.

(seis) em trabalhos de oficina num mês, perderá, naquele mês, totalmente a sua "bolsa".

§ 1.º — Caso tal fato ocorra em dois meses consecutivos, a bolsa será cancelada definitivamente.

§ 2.º — Aos alunos repetentes ficará vedado o direito de se candidatar à concessão de "bolsa de estudo".

Art. 8.º — A qualquer momento, por motivos de indisciplina ou falta de aproveitamento nos estudos, após ouvido o Serviço de Orientação, será cancelado o pagamento das "bolsas de estudo".

Art. 9.º — Anualmente, no início do ano letivo, o diretor da Escola fixará o número e o valor das "bolsas de estudo", de acôrdo com os recursos orçamentários.

Art. 10.º — Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria da Escola, após ouvido o Serviço de Orientação.

# Organização da Diretoria da Caixa Escolar da E.T.C.

Com o firme propósito de adaptação ao novo Regimento Interno, o Diretor Executivo da Escola Técnica de Curitiba, Dr. Lauro Wilhelm, promoveu eleições a fim de organizar a Diretoria da Caixa Escolar, entre os professores e alunos das diversas disciplinas.

A eleição processou-se normalmente entre os grupos, ficando desta maneira eleitos os componentes representantes docentes e discentes de Cultura Técnica e Industrial.

colaboração, e a alta compreensão em resolver as necessidades dos alunos, professores e orientadores, em benefício da Escola o incentivo e estímulo aos alunos e Srs. pais, quanto às diversas modalidades de atendimento às necessidades dos educandos, em proveito social, cultural, etc.

Fácilmente nos convenceremos da sua importância, se atentarmos às suas principais finalidades de financiamento que são:

a) distribuir bolsas de estudo;



Momento em que o representante do corpo discente educando Riaz Taherzadeh solicitava do Sr. Presidente a aprovação da verba, em atendimento aos seus representados.

A nova Diretoria ficou assim constituída:

## REPRESENTANTES DO CORPO DOCENTE

Prof. Rosário Farani Mansur Guérios — Curso Técnico.

Prof. Arthur Ernesto Besco — Curso Industrial.

## REPRESENTANTES DO CORPO DISCENTE

Educando Valdir Xavier — Curso Técnico.

Educando Riaz Taherzadeh — Curso Industrial.

A Caixa Escolar na sua nobre finalidade tem por destino principal despertar e desenvolver o espírito de iniciativa e de previdência nos alunos, assim como lhes mostrar o resultado do sentido da

b) propiciar ajuda e assistência a alunos necessitados;

c) distribuir prêmios;

d) colaborar em excursões, visitas, passeios, festividades escolares com fins educativos;

e) organizar cooperativa escolar.

Quantos indivíduos bem dotados que, por falta de recursos financeiros, estariam destinados a tarefas primárias e a trabalhos rudes, são através de bolsas de estudo, amparados pela solidariedade dos seus semelhantes e assim preparados para o desempenho de funções profissionais mais elevadas, e muitos, até, para lideranças decisivas.

A Caixa Escolar poderá financiar excursões, visitas e passeios, como complemento às matérias de

## DIVAGAÇÕES LINGÜÍSTICAS

O VALOR DA PALAVRA NA TRADUÇÃO — GRAZIELLA — PÔRTO, PORTA E PORO — SINGULARIDADES DO JAPONÊS — PROFETISA E PROFETIZA — TRESLER E TRILER — GRIPE — ISRAELENSE E ISRAELITA — PIRENEUS — VULTOSO E VULTUOSO — "COW COLLEGE" — VETERINÁRIA — "OS SENTINELAS PARECIAM ESTAREM ALERTOS".

R. F. MANSUR GUÉRIOS

No problema da tradução, a maior dificuldade se assenta na semântica, pois além do significado da expressão, deve-se considerar o valor dela.

O valor e o sentido de uma expressão, embora seja possível a confusão, ambos não são a mesma coisa. O francês *mouton*, p. ex., tem a mesma significação que o inglês *sheep*, mas, quanto ao valor, é bem diverso, pelo quê não é possível traduzi-lo, um pelo outro, em qualquer circunstância. Em vez de *sheep*, o inglês usa de *mutton*, quando se trata de carneiro preparado para refeição.

O port. *carne* tem os valores repartidos, em inglês, nas palavras *meat* e *flesh*, as quais não se usam indiferentemente. Por outro lado, o alemão *Fleisch* tem a mesma origem que o inglês *flesh*, mas não se traduz um pelo outro. Assim, o valor de qualquer termo é determinado pelo que o circunstancia. O port., como o francês, usa, p. ex., do verbo "alugar" tanto no sentido de "tomar aluguel", como no de "dar aluguel", mas já no alemão são

dois os termos: *mieten* e *vermieten*. Não há, pois, correspondência exata dos valores.

\* \* \*

*Graziella* é um nome de origem italiana e imortalizado pelos versos de Lamartine. É diminutivo de *Grazia* e refere-se a Nossa Senhora, Senhora da Graça.

\* \* \*

O latim *portus*, "pôrto" (port. *pôrto*), é o masculino de *porta*, "porta, passagem". Ambos são cognatos e aliados ao grego *póros*, "poro", que também significa "passagem", caminho (port. *poro*).

\* \* \*

O simples adjetivo, na língua japonesa, pode implicitamente dar o significado de um superlativo. Assim, em vez de — *Qual é o melhor?* — dir-se-á *Qual é o bom?* Também, em vez de — *a mais*

ensino (Delgado de Carvalho), aguçando a curiosidade dos jovens, pondo-os em contacto com a natureza, mostrando-lhes a variedade e a utilidade dos seus recursos, desenvolvendo nêles o espírito de companheirismo e a sociabilidade cada vez mais compreendida e vivida.

A publicação de jornais, revistas e anuários escolares com trabalhos de professores poderão ser financiados também pela Caixa Escolar.

Pela sua organização e administração, a Caixa Escolar é um grande exemplo de colaboração, de confraternização e de espírito comunitário entre a direção, professores, orientadores e alunos, em cada unidade escolar, cabendo aos orientadores educacionais e profissionais grande responsabilidade na indicação das melhores atividades extracurricula-

res às quais a Caixa Escolar garantirá ao apoio financeiro indispensável.

Os resultados morais, culturais, sociais e econômicos trazidos pelas caixas escolares são de molde a encarecer sobremaneira a necessidade de sua instalação em tôdas as escolas de grau primário e médio. Tal é, aliás, o entendimento da sociedade brasileira quando determina no art. 83 do Regulamento do Ensino Industrial, baixado pelo decreto n.º 47.038 de 16 de outubro de 1959: "Cada Escola estabelecerá, em seu regimento, a organização de uma caixa escolar. . . ."

Nada mais será necessário para levar os educadores brasileiros a se utilizarem, de maneira cada vez mais intensa, dêsse grande auxiliar da educação que é a Caixa Escolar.

alta, a mais bela, a mais importante, etc., montanha do Japão, diz-se — a primeira montanha do Japão. Contudo, também se diz: Esta montanha é muito (ou verdadeiramente) alta.

Tais particularidades, que são normais no japonês, são apresentadas, no português, como fatos estilísticos.

\* \* \*

Escrever *Antônio*, colônia, com circunflexo, mas o circunflexo é mais para a tonicidade do que para o timbre. Pode-se pronunciar com *ô* aberto ou *ó* fechado. Aqui em Curitiba é mais frequente com a tônica aberta.

\* \* \*

*Profetisa*, com esse, é o feminino de *profeta*, e *profetiza*, com zê, é do verbo *profetizar*.

\* \* \*

*Tresler* quer dizer "ler às avessas; perder o juízo por ler muito; dizer ou fazer tolices".

*Triler* significa "ler três vezes".

\* \* \*

A palavra *gripe* entrou no português, certamente no começo deste século, pela medicina francesa. No "Journal de Médecine" de Paris, datado de 1763, é qualificado *grippe*, como "sorte de maladia". No entretanto, na Suíça alemã, de onde talvez o francês recebeu o nome (*grüppi* ou *grueppi*), já existia desde 1510, mas aplicado à epizootia. Hoje, na Suíça Luzerna e circunvizinhanças), esse termo se aplica à indisposição passageira e mesmo epidêmica (tosse, defluxo, etc.).

Há quem faça provir o francês não do sulço alemão, porém do frâncico, também idioma germânico. Teve outrora estes sentidos: "queixa; discussão" (na idade média); "desventura" (séc. 13); "rapina" (séc. 13); "fantasia" (séc. 17).

O vocábulo francês *grippe* (que talvez seja verbal de *gripper*) foi aplicado à doença, "porque ela agarra subitamente" (O. Bloch e Wartburg). Para a semântica, compare as expressões port. *pegar uma doença* ou *essa doença pega* ou mesmo o subst. *contágio*.

\* \* \*

O natural de Israel é *israelense* ou *israelita*, porém este se reserva preferentemente ao natural de Israel dos tempos antigos.

\* \* \*

*Pireneus* é o nome de uma cordilheira que se para a França da Espanha. Parece que a pronúncia mais difundida no Brasil é *Pirenêus*, com o ditongo *êu*, fechado, e em Portugal é com *eu*, aberto.

\* \* \*

*Vultoso* quer dizer "cheio de vulto, de tamanho volumoso". *Vultuoso* significa "atacado de vultuosidade, isto é, de congestão facial; de rosto inchado e vermelho".

\* \* \*

Na gíria estudantil americana *Cow College* — "colégio de vaca" — é a designação aplicada à escola de veterinária ou mesmo de agricultura.

\* \* \*

O termo *veterinária* — "medicina dos animais, em particular dos domésticos" — é uma criação erudita, baseada no lat. *veterinarium* — "enfermaria de animais de carga doentes".

Os animais velhos, que já não serviam para as tarefas da guerra, eram destinados à tração ou transporte de carga. A designação para os mesmos era *veterinae*, ou a cada qual *bestia veterina*, "animal velho", e, como tal, geralmente doente, donde a idéia posterior de tratamento médico aos animais adoentados (*veterinarium*).

Quem tratava deles era o *medicus veterinarius* ou simplesmente *veterinarius*.

\* \* \*

Os *sentinelas* pareciam estarem alertos. Há três erros nesta frase: 1.º) *Sentinela* é do gênero feminino, embora se refira a pessoa do gênero masculino; 2.º) o segundo verbo deve ficar no infinitivo impessoal, porque o primeiro se acha em modo finito; 3.º) *alerta* é advérbio, e, portanto, não concorda como um adjetivo.

A frase correta é — *As sentinelas pareciam estar alerta* ou *as sentinelas parecia estarem alerta*.

É verdade que existe o *alerta*, mas aqui é substantivo: "sinal para se estar vigilante".

# Algumas atividades extraclasse

Prof.<sup>a</sup> Iracema C. de França Campos

## I — INTRODUÇÃO

Deve constituir um dos interesses da escola guiar os seus alunos através de experiências educativas que lhes desenvolvam a personalidade, e que lhes estimulem o crescimento. Essas experiências se nos deparam a cada momento nas nossas classes, e mais abundantemente ainda fora delas, como verdadeiro prolongamento da vida escolar. Bem orientadas, desenvolvem o indivíduo na íntegra da sua personalidade: corpo, mente, vida social e espiritual; dão-lhe autodireção, bons hábitos de pensamento em grupo, compreensão social e presteza em servir.

Tantas e tão variadas são essas atividades, e de tal valor os seus resultados, que podemos considerar dever da escola — senão privilégio — incentivar o seu aparecimento e conservação no seio da vida dos estudantes.

## II — PRINCÍPIOS BÁSICOS E FILOSOFIA DAS ATIVIDADES EXTRACLASSE

### 1. Só se prepara para a vida, vivendo.

Se os nossos alunos devem ser cidadãos de um regime democrático, precisam encontrar na escola oportunidade para aprender as exigências da democracia; se os desejamos pessoas de responsabilidade, prodigalizemos-lhes experiências em que se exercitem na prática do sentido de responsabilidade; em suma, como nada substitui a experiência na aprendizagem, como "é fazendo que se aprende a fazer", deve a escola interessar-se por criar, no seu ambiente, situações em que se pratique e se desenvolva o pensamento, a honestidade, a lealdade, o companheirismo, o otimismo, o espírito de serviço; situações em que o pensamento mais digno, o ideal mais nobre, a ação mais correta se possa evidenciar como alicerce na formação dos educandos.

2. É dever da escola orientar o aluno de modo que faça bem ou melhor aquelas coisas desejáveis, que ele faria de qualquer modo.

Algumas das características mais acentuadas da adolescência são: a atividade, o gosto pelas aventuras, a tendência gregária, o desejo de sentir-se em segurança, de ser estimado, de seguir, de mandar, de conquistar. Os resultados desses desejos, muito naturais, dependem em grande parte da orientação que as escolas oferecem a essas exigências do adolescente. Proporcionar-lhes, pois meios sadios, construtivos, em que empreguem seus vastos recursos de energia e entusiasmo, precisa ser uma das preocupações dos educadores.

3. A escola deve reconhecer que são diferentes os indivíduos, o que importa numa diferenciação das suas atividades.

Não é impossível despertar o interesse dos nossos alunos, satisfazer as suas necessidades pessoais apelando para a inteligência, a habilitação que possuem e estimulá-los a interessar-se por atividade que ampliarão suas próprias experiências, se lhes dermos, sob boa orientação, oportunidade para escolher, entre diferentes atividades, aquelas de que mais gostem.

Outrossim, o reconhecimento de que os interesses mudam à medida que os hábitos, as atitudes, os conhecimentos mudam, impõe a variedade das atividades extraclasse.

É através de experiências que se desenvolvem atitudes e se formulam padrões de conduta. Deve portanto, ser variada, tanto quanto possível, a vida do adolescente, para que adquira o melhor alicerce para a sua formação e os amplos recursos que o habilitem a resolver bem os múltiplos problemas da sua vida.

4. Dentro do possível, deve o próprio aluno escolher as atividades de que deseja fazer parte.

A cada passo a vida nos impõe escolhas e nos dá ensejo para evidenciarmos preferências. O desenvolvimento da personalidade é o resultado da ação praticada pelo indivíduo que, ao sentir-se livre para decidir o que fazer e como fazer, tenha cons

cientemente optado por este ou aquele caminho. Ninguém pode ter preferência moral, sentido de responsabilidade, iniciativa, autodisciplina, se lhe não é dado escolher os valores da vida, nem liberdade para organizar e dirigir seus próprios planos de atividade.

A liberdade, porém, deve ser disciplinada e, portanto, exercida sob os ditames das leis, dos regulamentos e da orientação. Assim aprenderá o indivíduo a governar e a ser governado.

5. A admissão nas atividades extraclasse deve ser baseada em princípios democráticos. Se nascem do interesse dos grupos, não deve a habilitação do aluno constituir exigência essencial para que participe delas. Muitas vezes pode uma atividade despertar num aluno menos aplicado o gosto pelos estudos. Além disso, se reconhecemos o seu valor educativo não podemos negá-las a este ou àquele estudante.

6. As atividades extraclasse, de preferência, devem nascer do trabalho das classes, sugeridas pelos próprios alunos. Há trinta e três anos, numa sala de linguagem oral no Colégio Bennett, alunas e professora expunham o resultado de leituras sobre o problema da lepra no Brasil. Nasceu no coração daquelas moças o desejo de canalizar as emoções que sentiam no momento, de maneira a realizarem alguma coisa que suavizasse a vida do lázaro. Com a professora, naquele dia e em dias subsequentes, estudaram um modo prático de o fazer e surgiu, então, a Associação do Bennett pró-lázaros, de que fazem parte todos os que são daquela Casa. Essa Associação anualmente renova a sua diretoria, que é constituída por alunas e uma orientadora. A festa da Campanha, como lhe chamam, é a atividade máxima da vida extraclasse naquele Colégio. Há trinta e três anos, sem interrupção, que o cofre simbólico da Campanha pró-lázaros passa de classe para classe. Todas as atividades da organização são promovidas pelas alunas, desde os croquis dos cenários, sua pintura e armação, até as compras, os ensaios, os convites, a recepção, etc. etc. Em classe-lar, a partir de março, as alunas distribuem-se em comissões e fazem planos, que apresentam à Comissão de Festas do Colégio, constituída por professores e diretoras. Discutem-se esses planos; ouvem-se as sugestões, e muita coisa é aprovada, modificada ou substituída.

A Festa da Campanha já deu aos lázaros do Brasil vultoso auxílio monetário. Tem isto o seu valor. Julgamos que vale muito o seu poder educativo, o qual se evidencia nas atividades que ensaja e no fato de afinar a sensibilidade das jovens, de modo que percebam a necessidade do próximo e sintam o dever imperioso de cooperar na resolução dos problemas da sociedade de que são parte.

7. As atividades extraclasse devem ter valor educativo.

8. A escola deve contribuir para o bem-estar de seus alunos. Que nenhum trabalho lhes seja por demais duro ou acima de suas forças. Nenhum fracasso ocasional os faça encolher e fugir aos seus deveres. Que sejam persistentes, acreditem na possibilidade de se resolverem dificuldades e prossigam com alegria, convicção e coragem para as realizações. As nações são formadas pelos cidadãos das escolas. Se desejamos contribuir de maneira positiva para o bem-estar de nossa Pátria, precisamos desenvolver nos estudantes a energia, a fé; a alegria de viver. A felicidade de um adolescente é incompatível com a timidez, a solidão, o desajustamento social; vem, sim, através da participação em situações de aventuras, da resolução de problemas, da vitória sobre dificuldades e do equilíbrio da saúde e da vida emocional.

9. Os alunos devem ser participantes das atividades do colégio, e não meros espectadores. Assim, nas assembléias, festas, reuniões de grêmio e de classes-lar, pertence a eles a parte maior da iniciativa, liderança e responsabilidade.

10. Qualquer atividade extraclasse deve começar de maneira simples e em pequena escala. Um sistema de autogoverno, por exemplo, começará nas reuniões de classe-lar, passará aos grêmios e daí a maior projeção. Impor um sistema já vasto e complexo de autogoverno a um grupo de alunos inteiramente sem experiência nesse sentido, seria comparável à exigência da análise de 'Os Lusíadas' a alunos que nada conhecessem de sintaxe.

11. Precisa ser limitado o número de organizações a que um aluno possa pertencer. Essa limitação dará o equilíbrio entre as atividades da classe e extraclasse, evitando que os estudantes pouco aplicados dispersem ainda mais os seus esforços e que os talentosos fiquem sobrecarregados ou, como

únicos líderes, não dêem oportunidades a que seus colegas também se desenvolvam.

12. As atividades extraclasse devem ter a supervisão de professores, orientadores educacionais, ou de outras pessoas habilitadas para a tarefa.

É de crer que todas as escolas se interessem pela orientação educacional de seus alunos. O contacto entre o educador e o aluno, fora das horas de aulas pode ser, sem dúvida, mais íntimo, mais amigo. A participação do professor numa festa, num piquenique, numa reunião de classe-lar ou de grémio pode tornar-se bem mais proveitosa que num período de aula. Com efeito, tendo ocasião de observar o aluno mais à vontade, poderá compreender-lhe os problemas pessoais, conhecê-lo melhor e capacitar-se a ajudá-lo mais efficientemente.

Duas das vantagens, da participação do mestre nas atividades extraclasse são: o estabelecimento de laços mais estreitos entre o professor e os alunos, com vistas a uma mais proveitosa orientação educacional, e a proteção do nome do Colégio, que, sem dúvida, é responsável pelo controle e pela disciplina de todas as atividades que se processam associadas a seu nome.

13. Devem ser reservados, no horário regular da escola, períodos para atividades extraclasse. Essas atividades merecem respeito e reconhecimento, uma vez que produzem resultados sociais e formativos desejáveis. Reservar, pois, algum tempo por semana para as reuniões de grêmios, assembléas e classes-lar indica que a escola reconhece como educativas todas as experiências levadas a efeito sob sua orientação.

### III — RESULTADOS QUE SE PODEM AUFERIR DAS ATIVIDADES EXTRACLASSE

#### 1. Desenvolvimento da personalidade.

A personalidade bem formada, é a melhor aquisição do homem. Não esperemos construir um mundo melhor sem o amadurecimento do indivíduo. Ora, se as atividades extraclasse são oportunidades para o desenvolvimento de valores como a responsabilidade, a iniciativa, o cavalheirismo, a honestidade, a justiça, a pontualidade, o controle, o respeito, a liderança, etc., podemos afirmar que constituem excelentes oportunidades para o crescimento integral.

#### 2. Socialização.

Quase todos os motivos e quase todas as ocasiões para a aprendizagem são sociais. A vida do ser humano é essencialmente social. Quase todas as nossas atividades são coletivas. Devemos, pois, levar o aluno a associar-se à experiência comum, modificando de acordo com ela os seus estímulos próprios e sentindo como seu o êxito ou o fracasso da coletividade.

#### 3. Cooperação.

A cooperação só se aprende gradualmente, no trabalho em conjunto.

#### 4. Compreensão.

É capacidade que nasce com o conhecimento mútuo e gera simpatia e amizades.

#### 5. Lealdade.

#### 6. Responsabilidade.

#### 7. Autodisciplina.

A autodisciplina é uma compulsão 'de dentro para fora' e precisa ser desenvolvida gradativamente, desde o ponto em que o aluno não pode conter-se socialmente até que seja senhor de si mesmo. Tal disciplina desenvolve-se com maior facilidade através de atividades que exigem o orgulho pessoal na manutenção dos padrões, tradição, espírito e nome das organizações às quais o aluno associa o interesse, o esforço e a cooperação.

#### 8. Emprêgo sadio da liberdade.

Pessoas há que raramente distinguem entre liberdade e licença, entre autoridade e autoritarismo, entre os direitos do indivíduo e os da sociedade. Cremos que as organizações extraclasse, bem orientadas, são campo magnífico para a prática sadia da liberdade.

#### 9. Liderança.

#### 10. Companheirismo.

#### 11. Boa cidadania.

#### 12. Opinião pública.

#### 13. Espírito do colégio.

14. Dignidade, auto-expressão, amor à cultura, iniciativa, presteza, perseverança, coragem, mentalidade arejada, pronta a receber sugestões, pensamento crítico, orientação vocacional, amizades, vida emotiva sadia, fôrça física, capacidade de planejar, organizar e administrar, treinamento em práticas parlamentares, bom emprêgo das horas de lazer, etc.

Os resultados das atividades extraclasse, sem dúvida nenhuma, dependem da natureza dessas atividades e da maneira por que são orientadas.

#### IV — ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DO PROGRAMA DE ATIVIDADES

O que se segue são apenas sugestões de princípios e métodos de organização e administração de classes-lar, grêmios e assembleias, ou exemplos de atividades extraclasse, sem a pretensão de que possam êles ser adotados por esta ou aquela escola. Não há duas escolas iguais. Por isto mesmo cada uma precisa escolher a organização mais adequada a servir às suas necessidades e administrá-las de acordo com os seus princípios filosóficos.

Algumas sugestões de princípios e métodos:

1. As atividades extraclasse devem ser bem organizadas, evitando-se, porém, a complexidade de organização.

2. Todas as organizações dos alunos devem ter a aprovação do diretor da escola.

3. Ao planejar o seu programa de atividades deve a escola ter conhecimento dos interesses dos seus alunos. Para facilitar a escolha dos grêmios, poderia cada orientador, numa assembleia prévia, apresentar os planos gerais do seu grupo. Depois, cada aluno indicaria, em ordem de preferência, dois ou mais grêmios aos quais desejasse pertencer. Tanto quanto possível, deveria o aluno ser atendido na sua primeira escolha.

4. Deve o aluno poder transferir-se de um para outro grêmio, uma vez que sejam justificáveis as suas pretensões.

5. Os grêmios e classes-lar devem ter suas diretorias e observar nas reuniões a prática das regras parlamentares.

6. As reuniões das organizações extraclasse precisam ter horário e local conhecidos por todos os interessados.

7. Todas as atividades extraclasse devem ter a supervisão do diretor ou de pessoa por êle indicada.

8. Todas as organizações devem ter um orientador, que presidirá às reuniões, até que a diretoria seja eleita.

9. O orientador deve conhecer os membros da sua organização, a fim de possuir recursos para o bom desempenho da sua tarefa.

10. Todos os membros de uma organização devem participar de suas atividades.

11. As assembleias devem observar as datas especiais com programas apropriados, que apresentem variedade e possuam valores educativos.

12. Deve-se de quando em quando fazer um exame franco e crítico das atividades extraclasse, a fim de verificar-se a qualidade da contribuição que porventura tenham feito à vida da escola e ao desenvolvimento da personalidade do aluno.

13. Objetivos da *classe-lar*:

A) Administrativos:

Verificação da frequência.

Contato mais estreito entre o lar e a escola.

Comunicação de avisos.

Orientação educacional.

B) Outros objetivos:

Desenvolvimento do espírito da escola.

Oportunidade para a participação do indivíduo ou do grupo nas várias atividades da escola.

Estímulo para a iniciativa.

Estímulo para o espírito de liderança sadia e de obediência inteligente.

Incentivo à auto-expressão.

Prática dos princípios democráticos através de atividades democráticas.

Contato mais estreito do aluno com a comunidade em que vive, o qual desperte nele o desejo de servi-la e de colaborar para o seu progresso.

14. Cada *grêmio* deve ter o seu próprio escopo, variável com as suas atividades específicas. Haverá, no entanto, um propósito comum a todos: contribuir da melhor maneira possível para a aquisição daqueles valores reconhecidos como resultados das atividades extraclasse.

15. As *assembleias* devem fazer contribuições positivas para:

a educação social, moral e cívica;

o desenvolvimento da cultura;

a comemoração das datas especiais;

a apreciação da arte, música e literatura;

a criação de uma inteligente opinião pública;

o estabelecimento de relações mais estreitas entre a escola e a comunidade;  
 a autodisciplina;  
 o desenvolvimento do espírito da escola;  
 a recreação sadia.  
 Etc.

16. Todos os grêmios e classes-lar devem ter suas respectivas diretorias.

## V — SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1. Para as reuniões de *classes-lar e assembleias*.

### A) Primeiras reuniões:

Boas-vindas aos alunos.  
 Discussão dos traços característicos dos bons líderes.  
 Eleição da diretoria.  
 Eleição ou nomeação de comissões.  
 Posse das diretorias.  
 Estudo de regras parlamentares.  
 Planejamento do trabalho do ano.  
 Discussão dos princípios cuja observância assegurem o bom andamento de qualquer reunião.

### B) Outras reuniões:

A nossa escola: seus fundadores, hinos, regulamentos, tradições, ideais, etc.  
 Modos de melhorar a nossa escola: estudando mais, mantendo conduta apreciável, observando os seus regulamentos, respeitando as suas propriedades, cuidando melhor dos edifícios, do mobiliário e dos campos de recreio, sendo pontuais, honestos, corteses, cumpridores dos deveres, cooperadores, etc.  
 Os livros — nossos melhores amigos.  
 Predicados que nos tornem mais atraentes.  
 Predicados de um bom amigo.  
 Qualidades de um bom cidadão.  
 Uma personalidade bem formada.  
 Como preservar a nossa saúde.  
 Dramatizações, teatro.  
 Impressões de viagens e excursões.  
 Povos e costumes interessantes.  
 O mundo em que vivemos.  
 Relações humanas.  
 Histórias célebres.

Comemorações cívicas.

Dias da Criança, das Mães, dos Pais, do Professor, da Árvore, das Américas, das Nações Unidas, etc.

Semanas: do livro, da boa linguagem, das boas maneiras, da Pátria, da música brasileira, etc.

O mês do lar.

Concertos.

Sessões de cinema educativo.

Debates.

Etc.

2. Sugestões de atividades para os grêmios.

### A) Grêmio 'Conhece a tua cidade':

Estudar a história da cidade local.

Visitar lugares históricos.

Conhecer os fatos ligados à história dos jardins públicos, museus e teatros.

Conhecer a história dos monumentos.

Visitar os edifícios públicos, fábricas, etc.

### B) Grêmio 'Amigo da natureza':

Estudar a vida dos animais e das plantas.

Visitar o jardim botânico, o jardim zoológico, parques e museus.

Incentivar o amor à natureza.

Fazer coleções, etc.

## VI — CONCLUSÕES:

1. Existem princípios gerais aceitos pela maioria das autoridades em educação, os quais devem ser observados para o bom funcionamento das atividades extraclasse.

2. São reconhecidos como excelentes os valores formativos e de socialização das atividades extraclasse bem organizadas.

3. Muito depende a organização e a administração das atividades extraclasse das condições locais em que se encontra a escola.

4. Deve haver, tanto quanto possível, variedade no programa das atividades extraclasse, de maneira que se atenda às diferenças individuais.

"Na América (U.S.A.) não se encontra nenhum traço de preconceito, indesejável na Europa, contra o trabalho manual. Ninguém o considera humilde ou desonroso. Um professor, um magistrado, não parece ser ali considerado superiores aos operários e contra-mestres."

OMER BUYSE

# Novo Diretor do Ensino Industrial em visita a E. T. C.

A Escola Técnica de Curitiba teve a satisfação de receber a honrosa visita do novo Diretor do Ensino Industrial, e conseqüentemente Superintendente da C. B. A. I.

Durante a breve visita na Escola pôde o Diretor conhecer as novas instalações e verificar o desenvolvimento do Ensino, e junto ao Diretor Dr. Lauro Wilhelm trocar idéias e discutir assuntos de ordem educacional.

No Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores, o Sr. Diretor visitante demorou-se em palestra com os dirigentes, ficando marcada uma reunião com todos os Técnicos e Diretores daquele importante órgão afim de se inteirar dos assuntos de sua competência, ligados ao Centro e resolvê-los.

Para tanto, devido aos compromissos assumidos com os técnicos americanos e desejando dar soluções satisfatórias aos seus problemas, resolveu transferir a sua viagem conforme havia previsto; e, com atenção toda especial, propôs uma reunião às 15 horas daquele mesmo dia, tendo, nessa ocasião, solucionado diversos problemas do Centro.

O Dr. Armando Hildebrand sempre esteve ligado a assuntos educacionais e profissionais, aos quais sempre devotou compreensão e muita firmeza nas resoluções dos casos que estiveram ao alcance da sua alçada.

Digna, portanto, foi a escolha do Sr. Ministro da Educação e Cultura para o cargo de tão alta responsabilidade, e tão grande necessidade para o país.

Para cada caso tem o Dr. Hildebrand uma solução pronta e certa.

Os anos de trabalhos, o devotamento e o entusiasmo pelo Ensino Industrial fizeram-no digno do nosso respeito e admiração de podermos hoje contar com as suas ordens.



Dr. Armando Hildebrand

A modéstia é uma virtude peculiar, com que se sentem bem todos os que o procuram para tratar de assuntos educacionais, técnicos ou administrativos.

Sem perder a calma, o Dr. Hildebrand, sempre com um sorriso franco, encara do menor ao maior problema com a maior simplicidade, eliminando-os conforme à maneira mais certa que o caso exige.

O Ensino Industrial está portanto de parabéns e só desejamos ao novo Diretor a continuação de seus propósitos a fim de que todos possam usufruir os bons frutos da sua gestão em prol do Ensino Técnico do Brasil.



Dr. Armando Hildebrand em reunião com os diretores e professores do Centro.